



FICE

**7^ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO**
05 e 06 de setembro

ENTRE RISOS E CRÍTICAS: a caricatura ou charge política na Primeira República

João Vitor Barbosa Zamboni¹ ; Cristiane Aparecida Fontana Grumm; Adriano Bernardo Moraes Lima²

INTRODUÇÃO

O objetivo central da presente pesquisa era selecionar e analisar caricaturas e charges políticas veiculadas na imprensa periódica durante a Primeira República, contextualizando-as e historicizando-as, identificando além dos recursos do humor, a intertextualidade com os acontecimentos políticos e sociais satirizados.

Para selecionar as caricaturas e charges foi utilizado o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>) que possui na forma digitalizada vários periódicos da Primeira República.

A pesquisa torna-se relevante quando analisamos que a tríade história, humor gráfico e educação há tempos está intimamente relacionada. Porém, na maioria das vezes as caricaturas ou charges políticas são lidas ou utilizadas em sala de aula apenas como ilustração de um assunto.

Nesse caso, são muitas vezes apresentadas nos livros didáticos, fora do seu contexto de produção ou até faltando partes e sem referência de onde foi publicada. É preciso ir mais longe e utilizá-las como um documento histórico que foi produzido em um determinado contexto e com intencionalidades. Em outras palavras, requerer problematização, historicização e contextualização. Nesse aspecto, o projeto de pesquisa apresentado traz consigo outra considerável importância.

Além de contribuir para o debate teórico e metodológico sobre a caricatura e charge política, a pesquisa pode colaborar com o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. Considerando nesse sentido, o conhecimento histórico produzido não deve ficar restrito à academia ou ao pesquisador, organizou-se o blog “Virando História” com algumas caricaturas e charges políticas selecionadas.

¹ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: jvitorzamb@gmail.com

² Professores Orientadores do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: cristiane.grumm@ifc.edu.br; adriano.lima@ifc.edu.br



PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (materiais e métodos)

Nas primeiras décadas do século XX, o historiador francês Marc Bloch afirmou que “o passado, é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa”. Para o referido historiador, a história é a ciência que estuda o homem no tempo. E, nesse sentido, “é quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito” (BLOCH, 1997, p. 109; 114).

Partindo dessas premissas de Bloch, todo trabalho de História refere-se ao estudo das pessoas inseridas em seu contexto histórico e exigem o uso e tratamento adequado dos vestígios deixados pelos homens do passado - as fontes ou documentos históricos. Portanto, toda pesquisa de História é documental.

Segundo Jörn Rüsen (2011a; 2011b; 2011c), a aprendizagem da História é um processo de desenvolvimento da consciência histórica, ou seja, as atividades da memória histórica que interpretam as experiências do passado. A aprendizagem histórica possui três dimensões: a experiência, a interpretação e a orientação. Essas três dimensões quando estimuladas permitem o desenvolvimento da narrativa histórica mais aperfeiçoada.

Nesse sentido, a metodologia empregada para o desenvolvimento da presente pesquisa com intenção de cumprir o objetivo geral proposto, apresentou os passos descritos a seguir.

Num primeiro momento, houve uma consulta ao acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>). Nesse momento objetivou-se selecionar quais eram os periódicos que circularam no Brasil na Primeira República e que tinham a intenção clara de utilizar o humor como forma de crítica política ou social. A partir da seleção de quais eram, pesquisou-se por quanto tempo circularam. Nesse momento, foram excluídos os que circularam por pouco tempo ou que não possuíam muitos exemplares digitalizados no acervo da hemeroteca. Em seguida, com os periódicos que restaram, procurou-se através de pesquisa bibliográfica identificar quais eram os periódicos mais importantes no períodos, quais os seus caricaturistas ou ilustradores e quais eram as intenções de cada um dos



FICE

7^ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO
05 e 06 de setembro

periódicos. Através da pesquisa bibliográfica observou-se mais claramente a necessidade de selecionar um periódico importante para o período e que tivesse como preocupação central o humor como forma de crítica política.

A consulta ao acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e a pesquisa bibliográfica sobre revistas ilustradas que circularam no período, optou-se pela seleção da Revista Careta. O periódico selecionado circulou no Brasil entre junho de 1908 e novembro de 1960. Muitos outros periódicos circularam apenas nos primeiros anos após a proclamação da república e outros tiveram circulação esporádica ou não apresentavam acervo completo digitalizado na hemeroteca. O acervo da Revista Careta está completo e disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acrescentou-se a esse aspecto o fator de ter sido um dos principais periódicos de circulação, que representou as inovações técnicas de impressão e jornalismo no período, bem como, referência do humor gráfico - apresentando críticas em relação a inúmeras situações políticas dessa fase da república brasileira.

Num segundo momento, iniciou-se a seleção das caricaturas e charges políticas na Revista Careta. Como o periódico era de circulação semanal e cada exemplar possuía uma média de mais de 40 páginas por edição, foi indispensável criar um método de amostragem para coleta de dados. Inicialmente buscou-se todas as charges de relevância histórica e política, contudo não foi possível continuar nessa linha metodológica. Vez que demandava mais tempo que dispúnhamos para tal, de maneira que, escolhia-se uma edição a cada dez, agilizando o processo de pesquisa, ao longo dos anos pesquisados: 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1917 e 1930. Diante desse novo desafio, os pesquisadores envolvidos optaram por identificar os principais acontecimentos da República Velha e então pesquisar as edições próximas aos fatos selecionados.

Nessa fase de coleta de dados, ou melhor de caricaturas e charges políticas, percebeu-se a necessidade de continuar concomitantemente a pesquisa bibliográfica e principalmente o cruzamento das informações. Nesse aspecto, houve a necessidade de um trabalho minucioso de pesquisa histórica: era necessário desvendar o personagem representado, contextualizando e historicizando os acontecimentos políticos satirizados. Nessa fase percebeu-se explicitamente o processo de aprendizagem histórica.



Houve a necessidade de desenvolvimento de um instrumento para coleta dos dados. Organizou-se uma tabela que continha a referência da edição (data, número), capa ou página, título da charge, desenhista/autor e observações. Nas observações procurou-se identificar a/as personagem/s representada/s e o acontecimento satirizados. Nessa fase identificou-se a variedade de temas ou assuntos que poderiam ser abordados: guerra, personagens, representações de países, questões internacionais, questões políticas internas, entre outras. Foi muito difícil escolher entre o leque de possibilidades, mas optou-se por identificar algumas representações, a Primeira Guerra Mundial, a questão do Contestado e a Revolta da Chibata. Nesse aspecto, a pesquisa revelou todo o seu potencial de continuidade com outros temas.

Num terceiro momento iniciou-se a análise das caricaturas e charges políticas selecionadas. Para empreender a análise das caricaturas e charges políticas serão levadas em consideração os apontamentos teóricos e metodológicos de Romualdo (2000); Gawryszewski (2008); e Kurtz (2012). Com bases nesses teóricos, propõe-se no presente trabalho tomar a caricatura política como um documento histórico que pode ser problematizado, historicizado e contextualizado para poder responder à questão: em que medida a caricatura e a charge política ultrapassam a mera característica de despertar o riso, através de recursos de humor, e podem atingir a reflexão e críticas do leitor a respeito de acontecimentos sociais e políticos representados?

Portanto, após a seleção iniciou-se a análise cada caricatura ou charge política levando em consideração, entre outros aspectos, a proposta da Revista Careta - humor gráfico como crítica política -, o seu ilustrador, o contexto histórico em que foi produzida, as intencionalidades, intertextualidades e recursos utilizados pelo ilustrador. Nessa etapa, destacou-se e analisou os recursos gráficos e escritos; os recursos de humor usados para causar o riso e os recursos utilizados para despertar no leitor a reflexão e a criticidade em relação a um acontecimento político ou social e/ personagem.

Concomitante a esse terceiro momento, iniciou-se a criação do blog “Virando História” onde algumas caricaturas e charges políticas pesquisadas e analisadas serão disponibilizadas, servindo de ferramenta de consulta e pesquisa de docentes e estudantes da Educação Básica, bem como ferramenta de comunicação com o grande público promovendo a divulgação científica do conhecimento produzido (MASSARANI, 2002). No blog constam: a caricatura ou charge política na íntegra e com referência completa (bem



como o link de acesso à página da Hemeroteca Digital); acontecimentos políticos e sociais e personagens a ela relacionados; informações do periódico; possibilidades de utilização da imagem como documento que pode ser problematizado em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cultura da mídia e a charge política: entre risos e críticas

A cultura da mídia, segundo Douglas Kellner (2001) é aquela veiculada pelo mais diferentes meios de comunicação de massa. Ela é industrial (produção em massa) e comercial (mercadoria). Segundo o autor é preciso instrumentalizar os mais diferentes leitores proporcionando-lhes meios de estudar, analisar, interpretar e criticar os textos da cultura da mídia, avaliando seus efeitos (KELLNER, 2001, p. 10).

Na sociedade de massa, os indivíduos são diariamente bombardeados por caricaturas e outras formas de humor gráfico (entre eles, a charge, o cartum e as tirinhas). Apesar da grande produção e disseminação dessas imagens relacionadas ao humor à crítica social e política, e das pesquisas acadêmicas terem avançado a partir da década de 1990, ainda carecem de estudos teóricos sobre o tema.

Como destacado por Gawryszewski (2008), a caricatura ou charge política tem o seu caráter de crítica política social. Portanto está sempre associada ao contexto em que foi produzida – e nesse aspecto concordam Burkart (2014), Kurtz (2012), Gawryszewski (2008) e Romualdo (2000). Porém, cabe ainda destacar que a caricatura ou charge política pode estar recheada de estereótipos (ZINK, 2011) e chistes que satirizam costumes, classes, instituições, linguagem, modismos, “enfatizando os defeitos físicos e morais dos personagens” (BERISTÁIN, 2011, p. 74).

A charge política como fenômeno é fruto da expressiva intervenção da imprensa, que ao longo dos tempos sofisticou-se, a tal ponto, que se tem conhecimento de atores políticos representados de maneiras pejorativas, que não necessariamente seguiam uma cena, mas que se caracterizavam pela acidez de suas críticas.

Tratada no presente trabalho, a charge política destaca-se pela praticidade e ao mesmo tempo pontualidade que apresenta os temas tratados, da mesma maneira que as charges nos trazem a oportunidade de avaliarmos e interpretarmos os cenários e



FICE

7^ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO
05 e 06 de setembro

cenas presentes nas representações, sendo auto explicativo e com atores facilmente identificáveis a charge trás a nitidez de um texto nos traços de uma imagem.

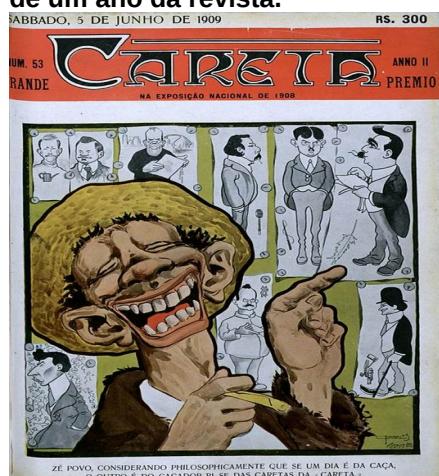
A Revista Careta

A Revista Careta - circulou no Brasil entre meados de 1908 e fins de 1960 - foi um dos principais exemplos dessa modernização da imprensa periódica no Brasil. A revista de variedades era semanal e lançada nos sábados. Segundo Clara Nogueira (2010, p. 65), “imprensa se modernizava não somente na utilização de novos expedientes gráficos e em maquinário moderno como também em sua forma e conteúdo”. Novas técnicas de impressão barateavam o produto final e permitiam um melhor acabamento e qualidade. Essas novas técnicas permitiam o surgimento de revistas ilustradas com qualidade gráfica para atender um público consumidor urbano, sedento de novidade e informações.

Para Nogueira (2010, p. 68) “por ser eclética tanto no que tangia o amplo alcance de um público variado quanto no que representava sua diversificada teia de colaboradores, de colunas, de reclames, de conteúdo gráfico e de modelo editorial, a Careta conseguia diferenciar-se das demais publicações similares da época”.

O principal atrativo da revista semanal era, sem dúvidas, o humor gráfico. Com uma qualidade técnica, a Revista Careta apresentava sempre uma caricatura ou charge na capa e mais algumas no decorrer das suas mais de quarenta páginas. Esse padrão é mantido ao longo dos mais de 50 anos de circulação da revista.

Imagen 1: Edição de comemoração de um ano da revista.



Aí vai a nossa Careta. Lançando à publicidade esse semanário, é preciso confessar, e contritamente o fazemos, que a Careta é feita para o público, o grande e respeitável público, com P maiúsculo! Se tomamos esta liberdade foi porque sabíamos perfeitamente que ele não morre de caretas. Longe vai o tempo em que isso acontecia. Todavia, nossa esperança é justamente que o público morra pela Careta, a fim de que ela viva. E, feita cinicamente essaconfissão egoísta (...) Digamos logo que o nosso programa cifra-se unicamente em fazer caretas (...) As nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas. Se ao ver a Careta, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das seções galantes do jornalismo smart, fonzir graciosamente as graciosas sobrancelhas, na boquita rubra estalando um desprezado muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia careta, pelo menos (CARETA, 06 jun. 1908, n. 01, p. 03)

Fonte: CARETA, 05 jun. 1909, n. 53.

Segundo Garcia (2005, p. 35), “a linguagem provocativa e irônica, por vezes sarcástica, aliada ao forte apelo visual das charges resultou no grande sucesso de público, bem como no longo período de existência, de 1908 a 1960”. Tornou-se hábito tanto no Brasil quanto no exterior



de colecionar a Revista Careta. Essa característica de críticas, sarcasmos, ironia e provocações contidas nas caricaturas e charges tornou a revista muito popular. Porém, pode-se inferir que essa característica, também gerou impasses e conflitos com políticos brasileiros do período.

A pesquisa documental na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, revelou que ao longo dos anos selecionados para coleta de charges (1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1917 e 1930) houve mudanças na edição da revista. Como por exemplo a frequência em que se apresentavam as charges ao longo do texto. Inicialmente dispostas na capa e na quinta página, a partir de 1910 as charges também tornaram-se sociais, mostrando o estilo de vida da época, nessa nova repaginada a revista contava em suas edições, com a característica charge de capa e em seguida nas páginas 7, 11 e 19, nos anos posteriores poucas foram as mudanças, á exceção de algumas tirinhas satíricas e também sociais, que com frequência apareciam na página 15 e 17.

A medida que a revista foi ganhando visibilidade nacional, aumentou-se o número de patrocinadores, consequentemente as páginas da revista foram ganhando acréscimos e de 36 páginas no início de 1909, passou a 52 em meados de 1913.

Em 1914 a revista passou por novas mudanças, dessa vez apresentava na capa uma charge e após ela, 10 páginas de anúncios e propagandas, só para então na página 11 aparecer a segunda ilustração política, ademais charges presentes nas edições somente diziam a respeito de estilo de vida e classes sociais, acompanhados de propagandas e anúncios.

No ano de 1917 a revista passa a ter na capa e na página 15 a presença de charges políticas, nas edições do ano 1930, o formato, quase não se alterou, mantendo-se duas charges, uma na capa e outra na página 14, apresentando um total de aproximadamente 40 páginas por edição, algumas apresentam mais outras um número um pouco inferior.

As caricaturas e charges políticas da Revista Careta: “Virando História”

A pesquisa partiu das premissas básicas da Aprendizagem Histórica (Rüsen; 2011a; 2011b; 2011c) como um processo de desenvolvimento da consciência histórica ou das atividades da memória histórica para interpretam as experiências do passado. E também como uma aprendizagem que possui três dimensões (a experiência, a interpretação e a orientação) que quando estimuladas permitem o desenvolvimento da narrativa histórica mais aperfeiçoada.

O Blog “Virando História” está organizado em três partes: 1) Entre risos e críticas; 2) Personificação das críticas; 3) A caricatura na Primeira República (imagens 2, 3 e 4).

Imagen 2: Blog “Virando História” - Apresentação do projeto

Entre risos e críticas: a caricatura ou charge política na Primeira República

Analise: Mar 19

Breve ensaio sobre as incongruências políticas entre os princípios republicanos e a ausência da liberdade política da primeira república analisada pelo vício caricato da imprensa brasileira.



Imagen 3: Blog “Virando História” - Personificação das críticas

A personificação das críticas

Analise: há 5 dias

Como fruto de críticas que trazem uma carga, como sugere a origem do termo “charge” a sátira política se evidencia de distintas maneiras na revista Careta, não restrinindo-se a caricaturas presentes nas charges, mas também abordando personificações de países e situações da época.

Como primeira análise observemos as representações de diversos políticos da época da primeira república:



Imagen 4: Blog “Virando História” - A caricatura

A caricatura na primeira república

O período descreve a primeira república compreendendo os anos de 1889 a 1930. Nesse período, os diversos estudos descrevem ações sobre o papel da mídia no cenário político, o primeiro ressalta sobre o uso das charges como forma de crítica diante da corrupção e não menormente política, mas também social do país e sua história.



Fonte: <https://jvitorzamb.wixsite.com/virandohistoria/blog>

Imagen 5: Revolta Chibata



Imagen 6: Grande Guerra

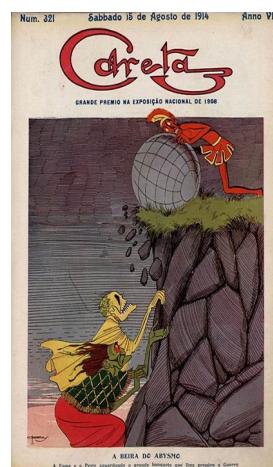
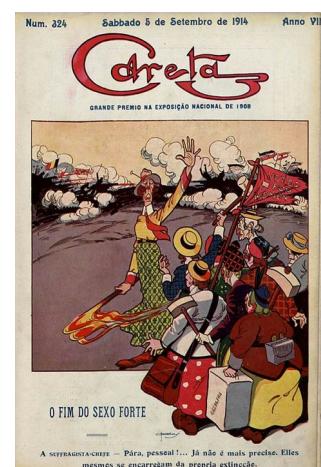


Imagen 7: Grande Guerra e Movimento Sufragista



Fonte: CARETA, 10 dez. 1910, n. 132.

Fonte: CARETA, 15 ago. 1914, n. 321.

Fonte: CARETA, 05 set. 1914, n. 324.

Imagen 8: Guerra do Contestado - Acordo de Limites

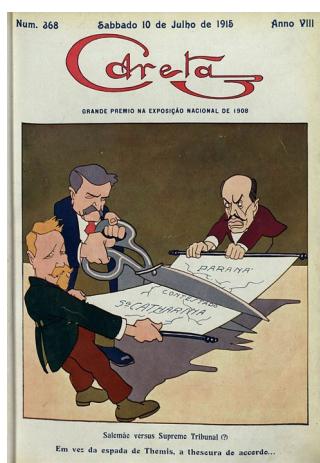
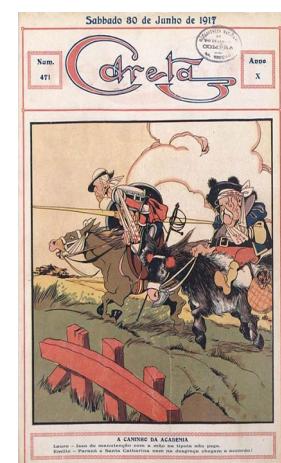


Imagen 9: Não há acordo?



Fonte: CARETA, 10 jul. 1915, n. 368.

Fonte: CARETA, 30 jun. 1917, n. 471.



Além disso, optou-se por selecionar três temáticas básicas na década de 1910: Revolta da Chibata (imagem 5), Grande Guerra e Movimento Sufragista (imagens 6 e 7) e Guerra do Contestado (imagens 8 e 9). No blog “Virando História” apresenta-se uma proposta de problematização do documentos históricos selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade de massa, pautada pelos princípios da cultura da mídia, os indivíduos são diariamente bombardeados diariamente por caricaturas, charges e outras formas de humor gráfico. A grande questão que se apresenta é como superar e resistir à manipulação da cultura da mídia, problematizando e desvendando esse texto social e historicamente produzido. Portanto a pesquisa revelou sua importância em relação à emancipação dos sujeitos.

O objetivo principal da presente pesquisa era selecionar e analisar caricaturas e charges políticas veiculadas na imprensa periódica durante a Primeira República, contextualizando-as e historicizando-as, identificando além dos recursos do humor, a intertextualidade com os acontecimentos políticos e/ou sociais satirizados. Porém, apesar de não serem charges e caricaturas do nosso tempo histórico, selecioná-las, problematizá-las e historicizá-las fizeram os pesquisadores envolvidos refletir sobre o nosso tempo presente e o uso do humor, da sátira e do riso como formas de crítica social e política. Dessa maneira, a pesquisa revelou todo o seu potencial e superou as expectativas primeiras.

A ideia inicial era contribuir com o debate teórico sobre as diferentes formas de humor gráfico – neste caso, especificamente a caricatura ou charge política. Porém, no seu desenvolvimento observou-se a que tríade “história - humor gráfico (especificamente caricatura e charge política) – educação histórica” estavam intimamente relacionadas. No entanto, no desenvolvimento da pesquisa percebeu-se a grande contribuição ao debate recente sobre educação histórica e o desenvolvimento da consciência histórica.

Nenhum sujeito é isento de interpretar o contexto que está inserido. Porém desenvolver as atividades de pensar historicamente amplia-se através da sua maior aproximação e experiências com o passado. Quanto mais experiências significativas com o passado, mais potencialidade de desenvolver as percepções do presente e orientar sua



vida e sua interpretação do mundo que o cerca. Em outras palavras, torna-se sujeitos emancipados capazes de problematizar, significar e historicizar sua vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- BERISTÁIN, Helena. O chiste. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 69-91.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Portugal: Fórum da História: Publicações Europa-América, 1997.
- BURKART, Mara. "Caricatura política en el Cono Sur: entre la radicalización política y las dictaduras militares". **Revista Contemporânea**: Dossiê convidado; Caricatura Política en el Cono Sur, Ano 4, vol. 2, n. 4. Disponível em:<<https://sobrehistorieta.wordpress.com/2014/12/25/dossier-historia-e-caricaturas-mara-burkart-coordinadora-online/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- GARCIA, Sheila do Nascimento. **Revista Careta**: um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1945). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, UNESP, Assis, 2005.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. In: **Domínios da Imagem**, Londrina, Ano I, nº 2. p. 7-26, maio 2008.
- KELLNER, Douglas. A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.
- KURTZ, Adriana Schryver. A "charge ideológica" de Marco Aurélio em Zero Hora. In: Anais do XXI Encontro da Compós. Juiz de Fora, 2012.
- MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima (Orgs.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência: Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. In: **Revista Micelânea**, Assis, v. 08, p. 60-80, jul./dez. 2010.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia. Maringá: Eduem, 2000.
- RÜSEN, Jörn. "Aprendizado Histórico". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011a. p. 41-49.
- _____. "O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011b. p. 51-77.
- _____. "Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica". In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011c. p. 79-91.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello. O processo político-partidário na Primeira República. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 162-226.
- ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 47-68.